

### **Promessa cumprida: o Bloco na casa de Edgard.**


Foi cercada de muita alegria que a idéia de concretizar a intenção de Edgard Moraes mais uma vez apareceu. A idéia de fundar o Bloco surgiu em 1973, na casa de Zoca e Sevy, então casados. Lá aconteciam os ensaios do Quinteto Armorial e sempre havia uma roda de músicos em farras semanais, nas quais sempre se cantava e se tocava, ente outras coisas, o frevo-de-bloco.

Até a mudança de Zoca para Campina Grande, os ensaios da orquestra do bloco seriam realizados lá também. Na época, Zoca estava prestes a abandonar o curso de Arquitetura para seguir a carreira artística. Arimatéa (Ari) Ayres, na época colega de turma de Zoca, foi convidado para ingressar na orquestra. Empolgado com a idéia, comprou um violão sob a supervisão do amigo maestro.

Os ensaios eram levados a sério por Ari. Vindo do Ceará, o estudante não tinha nenhum conhecimento das tradições carnavalescas do Recife. Todavia, rapidamente encantou-se com aquelas melodias e letras mimeografadas. Sua identificação com aquele até então desconhecido gênero musical o motivava a ser assíduo e atento freqüentador dos ensaios na rua Souza Bandeira. *“Fui captado exclusivamente pela música. Fui fisgado totalmente pela música”*, afirmou. O encanto com o frevo-de-bloco apenas aumentou com a novidade de desfilar pelas ruas tocando numa orquestra. Impressionava-se também com a beleza das melodias tocadas pelo bombardino de Emiliano Araújo que, nos intervalos, solava belos chorinhos. Era uma cultura musical e festiva que o marcou a medida em que ia conhecendo-a. Ari desfilou entre 1974 e 1980. Já naquele momento o Bloco havia crescido de tal forma que perdera sua *“dimensão intimista”*, fato que teria motivado a saída de vários amigos do casal Madureira, desestimulados com o afastamento de Zoca do Bloco.

A concentração do primeiro desfile do Bloco da Saudade se deu no festivo quintal da casa de Zoca Madureira e Sevy. Nenhum músico havia sido contratado. Apenas amigos tocavam violões, cavaquinhos, percussão e Egildo Vieira assegurava a execução das introduções das músicas com seu clarinete. Era o único instrumento de sopro no grupo. Saindo do bairro do Cordeiro, a bordo da carroceria de um caminhão, o grupo foi até a residência de Edgard Moraes.

Meses antes, numa tarde de domingo do mês de dezembro de 1973, os jovens Marcelo e Zoca haviam conversado com Edgard Moraes. O assunto principal foi a tradição dos blocos. Edgard contou muitas histórias. Ficou felicíssimo quando soube da intenção de se colocar o Bloco da Saudade na rua. Não acreditou de imediato pois pensava se tratar de uma simples intenção. Durante a conversa, falou das reuniões em sua casa nas quais o grupo de amigos e familiares, por ele chamado *“Bloco da Saudade”*, cantava as músicas dos blocos e lembrava as muitas histórias dos carnavais por eles vividos. Além de reverenciar as já extintas agremiações citadas ao longo de sua letra, sua música *Valores do*



*Passado* retratava o sonho de se criar uma agremiação inspirada por aquelas reuniões.

Eis que no carnaval de 1974, a agremiação Bloco da Saudade adentrou à casa do mestre compositor. Entraram entoando *Valores do Passado* e depois *A dor de uma saudade*. Sevy Madureira nos conta que “era um grupo pequeno de vinte e poucas pessoas, todos emocionados, choros, risos”.


Um precioso registro sonoro pode nos ajudar a reconstruir este momento. A foliã Augusta Falcão tomou a iniciativa de gravar em fita cassete as vozes, som, discursos e cantos desta visita. Moraes convidou todos a se acomodarem em sua residência e disse que todos ali eram seus amigos. O compositor fez um discurso agradecendo a homenagem e um breve balanço de sua vida. Declarou-se perseguido e injustiçado e afirmou que tudo que criara “foi em benefício da coletividade” e que compunha tentando “atingir o âmago de um coração onde sente a dor pela perda de um ente querido e que chora, e que tem que sentir a recordação” pois “aquele que não sente saudade é um selvagem, não vive”.

Contou que havia composto *Valores do passado* para um “Bloco da Saudade” que desejava fundar no ano de 1962. Por “um desentendimento qualquer” o compositor resolveu não “fazer” a agremiação. Confidenciou que, para ele, onde houvesse mais de um boêmio a beber e sentir “a sua dor”, a sentir o “pulsar” e “o quê de uma saudade”, lá estaria o Bloco da Saudade. Sentia-se satisfeito por jovens, naquele momento, sentirem saudade e virem até ele em busca da saudade. Ele compôs *Valores* pensando nos saudosistas e “sem querer” cativou o coração daqueles que agora o homenageavam.

Pediu que o bloco nunca estabelecesse compromisso com a Federação Carnavalesca porque a agremiação tinha que ser uma “coisa nossa” e não ficar subjugada à instituição e também que rezassem pela sua saúde pois estava há algum tempo enfermo. Augusta solicitou autorização para que o bloco pudesse utilizar *Valores* como hino. Moraes respondeu que não só autorizava *Valores* mas “qualquer música” para ser utilizada no repertório do bloco. O compositor declarou que os membros do Bloco da Saudade poderiam afirmar que as músicas pertenciam ao bloco, pois foram “dadas de coração pelo autor”. E Augusta respondeu: “muito obrigada”. *Valores* agora era de fato o hino de uma agremiação.

Ainda no discurso, Moraes pediu que aonde levassem seu nome exaltassem também a figura de Raul Moraes, seu querido irmão que, como ele, era um injustiçado e sofredor. Falecido prematuramente em 1937, Raul Moraes, devido a sua significativa e pioneira obra musical, era conhecido como o “Príncipe das marchas de bloco”. “Falando em mim, falem em Raul”, disse Edgard.

Ao fim de suas palavras, pediu que cantassem *Velhos tempos de criança*. Depois de executada a canção, Marcelo Varella convidou o compositor para registrar a homenagem numa fotografia junto com grupo. O bloco despediu-se do compositor entoando *Despedida*, uma *marcha-regresso*



de autoria do seu falecido irmão Raul Moraes: “*adeus ó minha gente/ o bloco vai embora/ sentindo que a alma chora /O coração fremente diz: /Findou-se o carnaval... /Até para o ano, adeus*” (In SILVA, 2003). Depois o bloco tomou o rumo de Olinda para realizar um “*assalto*” na casa de um folião amigo do grupo.

E a partir daquele ano o bloco estabeleceu o compromisso de todos os anos passar na casa de Edgard Moraes antes dos seus desfiles, que na época aconteciam tanto em Olinda quanto nas ruas do centro do Recife e de bairros como Afogados e Cordeiro. E assim foi durante alguns anos.

Pouco tempo depois do carnaval, Zoca, Marcelo e Rubem Temporal estavam em uma festa na sede do Clube Pão Duro, localizado em Afogados. Edgard Moraes iria ser homenageado. Em determinado momento, chegou a notícia de que o compositor havia falecido em decorrência de um enfisema pulmonar. Moraes deixaria ao lado de suas canções muitas saudades.

### **3. A folia na rua.**

#### **Aprendendo a ser Bloco**

Colocar o bloco na rua implicou numa série de obrigações. Era preciso montar uma orquestra, arrecadar fundos para o pagamento dos músicos, para a confecção das fantasias, organizar um itinerário e ensaiar um coral. No primeiro ano, a fantasia parecia um uniforme estudantil de educação física: short encarnado ou azul, com camisa branca estampada com o nome do bloco. Confeccionou-se o primeiro estandarte da agremiação em cetim encarnado. Havia o nome do bloco e embaixo uma lágrima. Em 1977 seria confeccionado um segundo e último estandarte, desta vez em cetim azul. Último por que neste mesmo ano os integrantes concordaram que o uso de estandarte era característico de troças e clubes de frevo. Bloco deveria possuir flabelo, ou abre-alas. Foi um recado que dera um popular reclamante que, por acaso, havia cruzado com a agremiação. Zoca Madureira, que há muito tentava alertar o grupo sobre o equívoco, desenhou então o flabelo que até hoje é a principal marca do bloco: a máscara azul e encarnada com uma lágrima prata.